



Em Sobradinho, Roriz viu pacientes nos corredores

O melhor hospital é ruim

Déficit crítico de profissionais de enfermagem, ociosidade de equipamentos por falta de pessoal qualificado no manuseio e superlotação de enfermarias em função do reduzido número de leitos para internação. Esse quadro, caótico a princípio, foi visto ontem pelo governador Joaquim Roriz na abertura dos trabalhos de campo da Semana do Esforço Concentrado na área de saúde. As unidades visitadas, os hospitais regionais de Sobradinho e Planaltina, representam, apesar das inúmeras deficiências, o que há de melhor na estrutura médica do Distrito Federal.

Essa ressalva foi feita pelo secretário de Saúde, Valteno Ribeiro, que entende ser "muito fácil colocar o hospital de Sobradinho como modelo na rede da FHDF". Nesse aspecto, o governador salientou que em ambas as unidades seria necessário "uma pequena decisão política", já que existiriam condições para adequá-las ao atendimento sem promover gastos excessivos.

ESPAÇO

Em Sobradinho, o espaço físico, restrito para um público que não se limita a satélite (engloba comunidades de Goiás, Minas Gerais e Bahia), aparece como o item de maior gravidade. Em alguns setores, como a Pediatria, em cada consultório existem dois profissionais atendendo, devido a retração da clínica médica. Os 196 leitos do hospital mostram-se insuficientes para suprir a demanda, ocasionando a acomodação de pacientes nos corredores.

Segundo o diretor da unidade, Marcos Antônio Porto, alguns chegam a passar dias recebendo tratamento médico em bancos de madeira. A afluência no pronto-socorro — 550 pacientes ao dia — denota o alcance do problema, já que a estatística assemelha-se a de um hospital de grande porte como o HBB. Por outro lado, o Regional de Sobradinho possui espaços ociosos, devido a inexistência de pessoal capacitado.

Com capacidade para 12 leitos, a UTI trabalha somente com um terço do total previsto, pois existe a necessidade de contratação de um médico (para compor a escala de rodízio), 11 auxiliares e dois enfermeiros. Isto só para assegurar o funcionamento desses quatro leitos. A plena abertura da Unidade de Terapia exigiria a contratação de um maior contingente. Aparelhada a contento, a sala ainda espera a ampliação do

quadro de pessoal para executar um atendimento global.

Em Planaltina, os problemas ressaltados pelo diretor Carlos Alberto Camargo Campos limitaram-se, basicamente, a recursos humanos. Dos 3 mil metros quadrados de área construída, o hospital apresenta uma ociosidade de quase 50 por cento, por absoluta falta de médicos, enfermeiros e auxiliares. Todos os setores dessa unidade da FHDF foram comprimidos, visando a facilitar o aproveitamento máximo dos atendentes. A contratação de pessoal capacitado reintegraria ao HRP os ambientes construídos recentemente, mas temporariamente desativados.

O aproveitamento das alas, entretanto, não diminuiria as deficiências no aspecto internação. Com 50 leitos, o hospital não supre a demanda, caracterizada por pacientes provenientes, como cita Carlos Campos, de Barreiras (BA), distante 650 quilômetros de Brasília. Revela que seria necessário a ampliação do serviço para 300 leitos, o que determinaria, também, investir em um novo prédio. O diretor mostrou a Joaquim Roriz a extensa área lateral do hospital, que poderia ser utilizada caso fosse executado o projeto nesse sentido.

O governador afirmou, ao final da visita, que a situação nas unidades é "razoavelmente boa", com os problemas se concentrando na área de recursos humanos. Roriz disse que "os hospitais necessitam muito pouco para chegar a um nível ideal", mas que não seria possível definir de imediato como se daria a contratação especial de médicos, enfermeiros e auxiliares. Confiando no apoio garantido **a priori** pelo Presidente da República, ressaltou que "gostaria que toda a rede hospitalar estivesse como estas unidades aqui".

O diretor-executivo da Fundação Hospitalar, Inácio Republicano, adiantou que a necessidade de especialistas em enfermagem e de auxiliares no DF alcança a 1 mil 600 profissionais, o que torna inviável o remanejamento de funcionários — essa fórmula não apresentaria entraves jurídicos. Roriz repassou ao dirigente e a diretora do Departamento de Engenharia da instituição, Janete Tokarski, a incumbência de priorizar os problemas de cada unidade e apresentar, em uma reunião geral no final da semana, as prioridades de cada hospital regional.